



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

AS FORMIGAS

Por ZÉ DE LA VEDesenho de A. CASTANÉ

NUM dos arredores de Lisboa, havia uma linda quinta encaixada entre umas elevações de terreno. Num dos extremos contornava-a uma ribeirita, que, de verão, se passava a pé enxuto. Assim como na orla da estrada, margi-

navam-na os caniços, já com-
pidas e fortes
canas termina-
das num lindo
penacho de es-
quisitas e feias
flôres. Fizeram
estas muitas ve-
zes a minha ale-
gria, como ban-
deiras, que er-
gia orgulhoso,
em quanto da
bôca me saía um
forte som rouco
tirado duma fo-
lha de cana en-
rolada em que
eu soprava. Ao
mesmo tempo,
segurava, tôdo
ancho, outra
cana que fazia
de cavalo. E,
bem nervoso e
ágil, devia ser
o cavalo, visto
as cabriolas que
êle me obrigava
a fazer. Segu-
iam-me, aos
lados ou atrás, os
inseparáveis
companheiros,
também em lou-
cas correrias. Caminhando pela estrada branca e
poeirenta, mais adiante, via eu, sobranceira
a um alto, a casa dos lavradores donos da
quinta, homens enérgicos e decididos, prontos



a trabalhar, desde o alvorecer até ao entar-
decer.

É a êles — dois irmãos — que eu devo a peque-
na história que vos vou contar.

Na quinta, uma grande figueira,

de larga copa,
dava uma alegre
sombra, que se
estendia, desde
um alpendre até
um poço e tan-
ques, que lhe
ficavam por
baixo.

Quantas tar-
des calmosas de
verão não pas-
sei debaixo
dela, ouvindo o
chilar da nora,
vendo o macho,
com passo se-
guro e olhos
vendados, an-
dar à roda por
um trilho, que
os anos não
apagarão fácil-
mente.

A água sus-
surrava ao pé
de mim, numa
leve carícia, ao
saltar na pedra,
e lá ia mitigar
a sede às plan-
tas, por umas
valas feitas pro-
positadamente.

Numa dessas
tardes, sentado,
seguiu eu, pen-
sando abstractamente para

sativo, não sei que sonho, olhando abstractamente para
a nora, sem a vêr nem a ouvir.

Sobressaltado, ao sentir uma mão no meu ombro,
caí na realidade.



O sr. Manuel — um dos lavradores — tinha-se sentado a meu lado, na borda do tanque, e limpava com um grande lenço vermelho, cheio de desenhos, a sua larga testa banhada por pequenas gôtas de suor, motivado pela lida do campo.

Com o chapéu atirado para a nuca, deixando vêr o cabelo cortado rente e a cara curtida pelo tempo, respirando saúde, mostrava ela um sorriso alegre e inteligente. A camisa, de riscado, esgoleirada, deixava vêr o pescoço, queimado de tanto sol que apanhara. Na mão, a enxada mergulhava na água e tinha tons prateados.

Fiquei a olhá-lo e a vêr uma pequena formiga que lhe andava passeando na camisa. Ele reparou, sacudiu-a para o chão, e, ao mesmo tempo, disse:

— «Que praga! Este ano o feijoad está cheio delas e não sei como o limpar!»

Então, perguntei-lhe se não havia processo para as exterminar. Abanando a cabeça negativamente, foi-me dizendo que contra elas não havia nenhum bem desejado processo, para uma área, assim, tão grande. E, para dar mais firmeza ao que estava asseverando, começou a contar:

— «Nessa figueira, já há bastantes anos, quando ela estava carregadinha, começaram a aparecer formigas. E eram aos milhares pelo tronco, corriam umas para baixo, outras para cima, formando cordões negros que, ás voltas, lá iam até aos figos para os sugar.

«Não houve nada que eu não lhe fizesse. Pinteilhe o tronco com cal, óleo, (bórras de azeite), etc., e nada!... As formigas lá continuavam a estar e, se já não passavam pelo mesmo sítio, é que tinham descoberto outro caminho. Tive a paciência de cortar tôdos os ramos que pudessem tocar na figueira, e conseguí isolá-la. Mas nada!...

«... «Muitas vezes, aqui sentado, neste mesmo sítio, olhava, e os troncos lá continuavam cheios de formigas; se não eram em tão grande quantidade, pelo menos elas lá estavam a atestar que nada havia que as pudesse fazer desaparecer.

«Uma vez, um acaso fez-me descobrir a causa dis-

to. Era à sêsta, o calôr era grande, a terra queimava; de vez em quando, uma leve aragem abafadiça espreguiçava-se por êsses campos fóra, fazendo mexer as folhas. Como aqui a temperatura era mais amêna, deitei-me na relva com a cabeça assente no talude, que deita para a ribeira. Por cima da minha cabeça estendiam-se os ramos da figueira e, um pouco mais distante, os caniços da margem.

«Olhando para os ramos da figueira, vi uma das folhas de um caniço que com a aragem se lhe encostara por leves momentos, e, no mesmo instante, caí-me uma formiga num olho. Bem sabe o ardor que isso provoca. Fez-me levantar, até conseguir tirá-la. Olhei, então, para a folha do caniço, que se balançava lá em cima dôcemente, e via-a carregadinha de formigas, tantas que até estava negra, e que, ao tocar na figueira, passavam com uma presteza extraordinária, até esperarem novo balanço, para, assim, continuarem a passar.

«Fiquei espantado! Por uma das margens da folha iam as formigas para a figueira, pela outra vinham. Cortei o caniço, e ainda hoje admiro a esper-teza dêsses animais».

Por fim, terminando esta história, lá se foi a tirar o macho da nôra.

Bastante tempo pensei na última frase que êle dissera, ¿ Terão êsses pequeninos seres um pouquinho de inteligência ou, pelo contrário, será o instinto da conservação, que a Natureza tão sábiamente pôs em tôdos os seres, que criou neste mundo, que as fará discorrer? Quantos sábios não têm a favor da inteligência dos animais e até das flôres, entre êles Maeterlinck, que se destaca pelas suas interessantes investigações e trabalhos neste sentido.

Entretanto a tarde tinha declinado e um completo silêncio me envolvia, só se sentindo as gôtas de água caindo de alcatruz em alcatruz no pôço.

Tôda a terra ia tomando uma côr acinzentada e só o céu se conservava com uma côr mais clara e límpida ainda.

Março, 1930.

TIPOS LISBOETAS
PADRES INGLEZINHOS

■ Por AUGUSTO DE SANTA-RITA ■
 ■ Desenho de A. CASTAÑÉ ■

DO POEMA EM PREPARAÇÃO
LISBOA, CIDADE BOA

Oh, os padresinglezinhos!..
 Ei-los, lá vão... sempre aos pares,
 com seus ares,
 de bizarros passarinhos!

A passo largo e mãos dadas,
 olhos claros como espelhos,
 faces imberbes, rosadas...
 Escapulários vermelhos,
 negras sotainas pregueadas,
 quasi rés-vés dos artelhos.

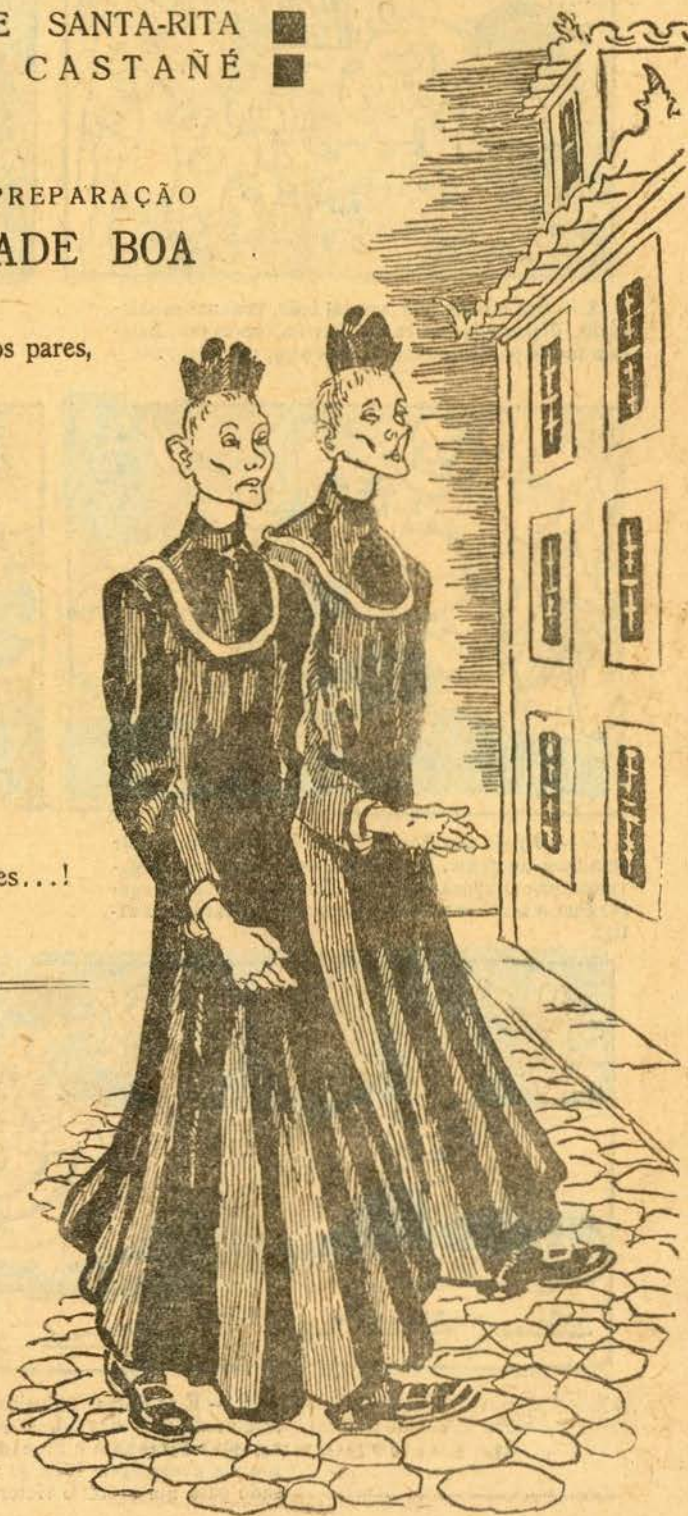
Nunca lançam seus olhares
 para os lados;
 que engraçados,
 direi mesmo engraçadinhos;
 com seus ares
 de bizarros passarinhos!

Oh, os padresinglezinhos,
 ei-los, lá vão... sempre aos pares...!

F i m

Errata

Na poesia «Tarde de Toiros» publicada no nosso número passado, escapou à revisão a omissão seguinte: — Onde está «A' Luís trajados» deve ler-se «A' Lnís XV trajados».



AVENTURAS de PIM, PAM



1 — Ora o leão, não era tal leão, era um missionário, disfarçado por causa dos antropófagos. Estavam muito contentes com o encontro, quando...



2 — Choveu sobre eles uma terrível saraivada de flechas. Eram os selvagens que estavam à espreita. O pobre missionário caiu ferido...



5 — O país das flores! Quem falava era uma flor com cara de gente. Disse mais: — «Dantes quem governavam era a rosa e o cravo. Eram os reis! Mas, agora, com o bolchevismo quem manda é o cardo e a urtiga»



6 — No centro dum lago de perfume está o antigo palácio e, nas margens, um exército, composto de pulgões, lesmas, caracóis e outros parasitas, o qual não deixa aproximar ninguém.



9 — E as flores, entusiasmadas, proclamam Pam rainha do País das flores. Forma-se um importante cortejo e Pim, Pam e Pum cavalgam, cada qual, sobre um personagem inimigo mas que já se tinha passado para um exército victorioso.

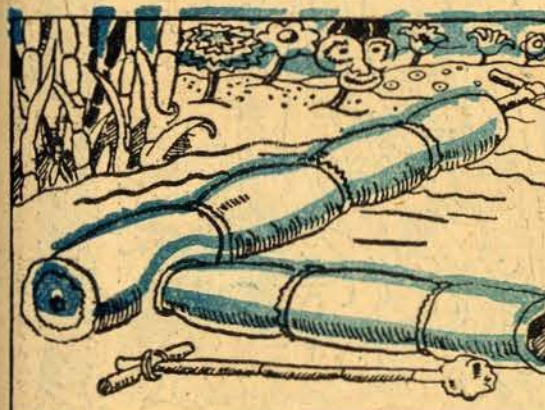
PUM por CASTAÑÉ (CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



— E os nossos três aventureiros fugiram e, correndo, chegaram ao mar. Um tronco estava encostado à beira e Pim, Pam e Pum subiram nele; era tempo! Os pretos aproximavam-se...



4 — Depois de navegar um dia inteiro e uma noite, as ondas levaram-nos a uma maravilhosa praia. Desembarcaram e, de súbito, ouviram uma voz que dizia: «Estais na ilha do canteiro!»



— Com uma cana e um junco, Pam constrói a arma que há-de vencer o exército usurpador. É uma seringa que ela vai encher num poço de águas sulfúreas em alto gráu, que existe num monte próximo.



8 — Organiza um exército de flores que, armadas de seringas, se dirigem para o lago de perfume, e logo que avistam a guarda do palácio correm sobre os parasitas, esguichando as mortíferas águas. O exército inimigo foge.



10 — E foi assim que Pam e os seus companheiros foram instalados no Palácio Real. Tudo parecia correr-lhes bem, quando o girasol, astrólogo da ilha, anunciou que cairia sobre a região uma terrível e copiosa geada.



11 — Sabido é que uma geada é a morte das flores. E Pim, Pam e Pum, que também eram sensíveis como eles, começaram a sentir uma capa de gelo a cobri-los, lentamente, inexoravelmente.

Continua no próximo número



■ Não o ■

|| Por TÁUZINHA ||
Desenho de CASTANÊ ||



princesa fizera 15 anos e o rei chamando-a, disse-lhe:

— Eis aqui a tua moradia, tudo te pertence, és filha do rei, as tuas vontades serão leis.

A princesa curvou-se agradecendo e os espelhos do seu palácio de marfim reflectiam a sua imagem gentil e os sedosos cabelos tão brilhantes como as pedras do seu diadema. Era linda, olhos azues como as águas que vinham beijar o seu palácio, mas tinha um defeito, a tudo dizia — não.

Quantas vezes a velha aia tentou modificar-lhe o feitiço, mas Esmeralda era impotente para dominar o desejo irresistível de contrariar. O outono começara. O vento soprava brandamente levando uma a uma as folhas amarelecidas. Esmeralda, sentada no terraço do seu palácio de marfim, sonhava,

fixando ao longe o horizonte onde se perdiam uma a uma as velas dos pescadores. Que procurariam os olhos da princesa, enquanto as suas mãos brancas, acariciavam os galgos preferidos?

No mar vogava, em direcção ao palácio, um barco que, semelhante a uma concha, em poucos momentos alcançava a praia. Um príncipe lindo, entrando no palácio, veio pedir a mão da princesa. Era a primeira vez que esmeralda sentia atracção por alguém e o seu coração dizia — sim; porém a boca balbuciou — não. — O príncipe insistiu — não! — O tempo passava e Esmeralda sofria, saúdosa do príncipe que a enfeitiçara. Só os passeios a distraíam e, num desses passeios, um dia, cruzou-se com uma pastorinha que vinha das montanhas. Singelamente vestida, trazia no peito uma flôr azul, como a princesa jámais vira, e, desejando obtê-la, pediu-lha:

— «Não, (respondeu a pastorinha), prenda de amor não se dá.

— Então, vende-m'a — retorquiu a princesa.

(Continua na pág. 7)

ADI
VINHA



HORA DE RECREIO



ADIVINHA

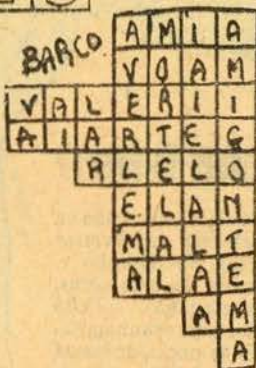
Juntar a sílaba «PA» duas letras que formem palavras com a seguinte significação

- 1 — título dos governadores de províncias turcas; 2 — palácio real; 3 — preposição; 4 — o chefe da igreja católica; 5 — pai; 6 — pé de animal; 7 — peça do boné; 8 — pão pequeno; 9 — remuneração; 10 — forma de verbo; 11 — carne de porco ensacada em tripa de intestino grosso; 12 — mancebo que acompanhava o rei; 13 — primeiro estomago das aves; 14 — empatado; 15 — espécie de palmeira.

PALAVRAS CRUZADAS



SOLUÇÃO DOS
PROBLEMAS
ANTERIORES



SOLUÇÃO — LUIS G. M. DE RIBUQUEAQUE

■ ■ ■ ■ N ã O ■ ■ ■ ■

(Continuação da pag. 6)

— «Não, oferta de conversado não se vende, guarda-se; e, seguida do seu rebanho, lá foi caminhando...»

Fôra a primeira vez que ousavam dizer — não — à princesa, contrariar a sua vontade; e o seu orgulho sentiu-se ferido, mas a vez sensata da Razão fez-se ouvir, mostrando-lhe quantos teriam sofrido com o seu feio defeito e, entre eles, o príncipe, com a sua obstinada teimosia. Então chorosa, disse à sua aia:

— «Dize-me, aia, para que nasci eu?! Di-

zem-me venturosa como uma princesa e eu não sou feliz; quanto desejaria sêr como aquela pastora, mas para que nasci eu, aia!?» E a aia, sorrindo, respondeu:

— «Em breve o príncipe vos virá buscar ao palácio e, então, conhecereis a felicidade. Calou-se, olhando o mar.»

Lá ao longe, na imensidade das águas, um barco, como uma concha, vogava... O crepúsculo envolvia a terra e a princesa, ternamente abraçada ao seu príncipe, dizia: — Sim!

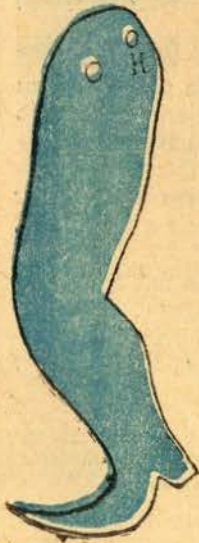
F I M

O PALHAÇO E O CAVALO

POR
MANUEL BERNAR-
DES BENAVENTE



Lêr as instruções



VISTO
DE
COSTAS

Benavente
1932



Maneira de construir

Colem em cartão ou cartolina as diversas peças do desenho e, depois de bem secas, recortem-nas. Feito isto, sobreponham todas as peças, de forma a que A ligue com A, B com B e assim sucessivamente, segurando-as com cordel, ao qual se dá um nó em cada extremidade, ou, então, por meio de um arame delgado com uma volta em cada ponta. Esta operação é feita através dos pequenos círculos que o desenho mostra.

Os orifícios marcados com as letras C e H são também atravessados por um eixo que passa pelas aberturas da letra E, mas deixando alguma folga para, facilmente, se moverem. Ao eixo C fixa-se um cordel que, em seguida, vai ligar-se ao eixo H e sair pela abertura, marcada com F e que servirá para dar movimento à construção.

Outro cordel liga as mãos do palhaço ao ponto marcado com G.

Alguma dúvida que tenham perguntem ao

Vosso amigo,
BENAVENTE